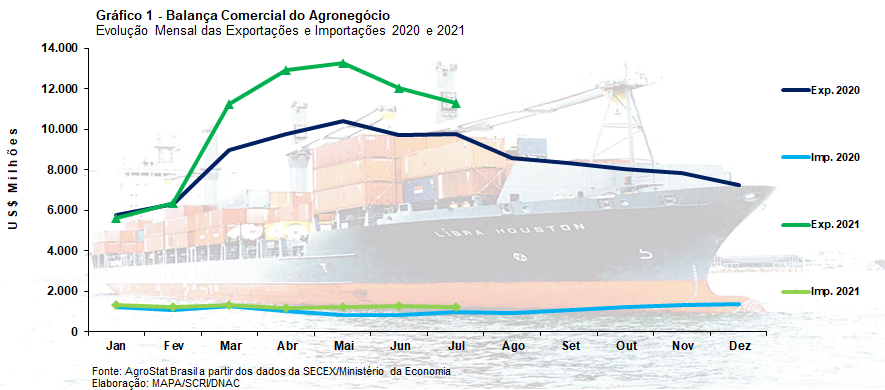
**MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO**

**Secretaria de Comércio e Relações Internacionais**

**Departamento de Negociações e Análises Comerciais**

**Coordenação-Geral de Estatística e Análise Comercial**

**BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO – JULHO/2021**



**I – Resultados do mês (comparativo Julho/2021 – Julho/2020)**

As exportações do agronegócio nunca haviam atingido a cifra de US$ 10 bilhões nos meses de julho, ao longo de toda a série histórica (1997 a 2020). Em julho de 2021, as exportações do agronegócio chegaram ao valor recorde de US$ 11,29 bilhões, 15,8% superior aos US$ 9,75 bilhões exportados em julho de 2020.

O crescimento das exportações está inequivocamente ligado à elevação do índice de preços dos produtos do agronegócio exportados pelo Brasil. Houve elevação de 28,5% no índice de preços das exportações do agronegócio na comparação entre julho de 2021 e julho de 2020. Por outro lado, o índice de *quantum* das exportações apresentou queda de 9,9%. Ou seja, mesmo com queda do volume exportado, o forte incremento dos preços internacionais dos produtos exportados fez com que o valor atingisse um montante histórico.

O Banco Mundial divulga mensalmente o índice de preços dos produtos agropecuários[[1]](#footnote-1). A cesta de produtos apresentada pelo Banco Mundial observou a mesma variação positiva de preços que os produtos exportados pelo agronegócio brasileiro. Entre julho de 2020 e julho de 2021, o Banco Mundial aferiu elevação de 28,5% no índice de preços das *commodities* agrícolas. Já na comparação entre julho de 2021 e junho de 2020, houve queda de 0,8%, indicando tendência recente de estabilização desses preços ou mesmo possível declínio nos próximos meses.

A FAO observou resultado semelhante ao verificado pelo Banco Mundial. O Índice de Preços dos Alimentos calculado pela organização apresentou redução de 1,2% frente a junho de 2021, porém 31,0% superior a julho de 2020[[2]](#footnote-2). Tais valores resultam de uma série de levantamentos que relacionam os índices de preço para diversos produtos. No caso do milho, há perspectiva de baixa. As melhores projeções de safra na Argentina e Estados Unidos (melhor oferta), concomitante à redução de pedidos da China para o cereal (menor demanda), são os fatores que mais influenciam os preços, mesmo com a frustração de safra do milho no Brasil, e menor disponibilidade para exportação do cereal brasileiro[[3]](#footnote-3). Para carnes, houve pressão de alta, com elevação do preço de carne bovina em virtude da redução de oferta nas principais regiões produtoras (como Estados Unidos[[4]](#footnote-4) e Brasil que sofrem com a seca) e à continuidade de altas importações, principalmente da China. A FAO também identificou alta de preços para o açúcar em julho (+1,7% acima de junho), marcando o quarto aumento mensal consecutivo e o maior nível de preços desde março de 2017. A alta nas cotações internacionais do açúcar relaciona-se às incertezas sobre o impacto das recentes geadas na produtividade do Brasil, maior exportador mundial de açúcar, também afetada negativamente pelo tempo seco prolongado. Além disso, os preços mais firmes do petróleo em bruto, favorecem a moagem da cana-de-açúcar para a produção de etanol, e servem como suporte adicional às cotações mundiais do açúcar. A Organização observa que os aumentos mensais de preços da *commodity* não foram ainda maiores em virtude das boas perspectivas de produção na Índia e da desvalorização do real brasileiro em relação ao dólar norte-americano.

Nesse contexto de preços elevados, verificou-se, como síntese, que três setores exportadores do agronegócio brasileiro explicam o valor recorde observado nas exportações do agronegócio em julho de 2021: complexo soja (+ US$ 889,42 milhões em valores absolutos); carnes (+US$ 524,46 milhões); e produtos florestais (+US$ 379,61 milhões). A soma do aumento das vendas externas destes setores mencionados resulta em US$ 1,79 bilhão, valor maior que a elevação do total exportado em produtos do agronegócio, que foi de US$ 1,54 bilhão comparado a julho de 2020.

Porém, mesmo com o recorde em exportações do agronegócio, a participação no valor total exportado pelo Brasil declinou de 50,2% em julho de 2020 para 44,2% em julho de 2021. Tal falto se explica em função da forte elevação das exportações dos demais produtos[[5]](#footnote-5), que tiveram incremento de 47,2% nas vendas externas, passando de US$ 9,67 bilhões em julho de 2020 para US$ 14,23 bilhões em julho de 2021.

As importações de produtos do agronegócio também observaram aumento, passando de US$ 982,88 milhões em julho de 2020 para US$ 1,24 bilhão em julho de 2021. Um aumento de 25,8% na comparação entre os períodos. O incremento no valor importado também ocorreu principalmente em função da elevação dos preços dos produtos agropecuários importados.

**I.a – Setores do Agronegócio**

Os cinco principais setores exportadores do agronegócio brasileiro em julho de 2021 foram: complexo soja (participação de 44,4%); carnes (18,0%); produtos florestais (11,5%); complexo sucroalcooleiro (8,2%); e cereais farinhas e preparações (4,2%). No total, a participação dos cinco setores atingiu 86,2%, o que representou elevação da participação dos principais setores em 0,8 pontos percentuais, demonstrando, por conseguinte, aumento da concentração das exportações brasileiras do agronegócio em relação a julho de 2020 (que foi de 85,5%). No entanto, as exportações dos vinte demais setores também verificaram expansão. As vendas externas dos vinte setores com menor valor em exportações subiram de US$ 1,42 bilhões em julho de 2020 para US$ 1,56 bilhões em julho de 2021 (+9,7%).

O principal setor exportador do agronegócio brasileiro foi o complexo soja. O setor atingiu o valor recorde de US$ 5,01 bilhões em vendas externas (+21,6%). A soja em grãos é o principal produto exportado pelo setor. O grão responde por mais da metade da produção brasileira de grãos, chegando a 136,0 milhões de toneladas produzidas na safra 2020/2021 ou 53,5% do total da safra brasileira, segundo o 11º Levantamento de Safra da CONAB[[6]](#footnote-6). Em julho, mesmo com a queda na quantidade exportada de soja em grãos (de aproximadamente 10 milhões de toneladas em julho de 2020 para 8,7 milhões de toneladas em julho de 2021), a elevação do preço médio de exportação da oleaginosa brasileira em 32,5% fez com que o valor exportado alcançasse cerca de US$ 4,0 bilhões.

O volume de exportações de soja em grãos em julho foi afetado por menores importações chinesas de soja. As aquisições do país asiático diminuíram de 10,1 milhões de toneladas em julho de 2020 para 8,67 milhões de toneladas em julho de 2021. Os estoques da oleaginosa na China, todavia, estão elevados e continuam crescendo, de acordo com recente informe do USDA[[7]](#footnote-7). Nos meses anteriores a julho de 2021, as importações chinesas de soja em grãos superaram o ritmo de moagem mensal no país e pressionaram pela forte elevação do preço da *commodity* no mercado internacional, afetando o grão e seus derivados. Além disso, a grande oferta interna de carne suína, em resposta às políticas para recomposição do rebanho chinês após casos de Peste Suína Africana (PSA), reduziu drasticamente os preços de suínos, comprimindo margens de lucro dos produtores em virtude dos altos valores pagos pela ração, que, por sua vez, influenciaram na diminuição da demanda por farelo de soja no curto prazo. Com grandes estoques de soja disponíveis e mercados oferecendo preços mais baixos para embarques no último trimestre de 2021, menores embarques globais de soja são esperados nos próximos 3 meses. Tal cenário fez com que a China diminuísse as aquisições de soja do Brasil de 7,5 milhões de toneladas em julho de 2020 para 5,8 milhões de toneladas em julho de 2021 (-22,6%).

Ainda no setor, as vendas externas de farelo de soja subiram para US$ 872,53 milhões (+53,1%), com elevação de 16,0% no volume e 32,0% no preço. O principal mercado para o farelo de soja brasileiro foi a União Europeia, responsável por 41,7% do total exportado pelo Brasil. O bloco registrou elevação das importações do Brasil em valores (US$ 364,33 milhões; + 13,7%), porém houve redução do volume importado (-18,8%). Os altos preços pressionam as margens dos produtores europeus de carnes influenciando o volume utilizado de farelo. Ainda no setor, as exportações de óleo de soja aumentaram 61,9%, chegando a US$ 143,39 milhões, mesmo com redução de 13,0% no volume exportado. Novamente, a alta de preços médios de exportação (86,1%) influenciou o valor total observado. Os preços internacionais do óleo de soja foram influenciados pela perspectiva de maior utilização de biocombustíveis no mundo, e pela formação de preços do grão de soja, observada anteriormente.

As carnes também atingiram valor recorde de exportações, com US$ 2,03 bilhões em vendas externas no mês de julho de 2021 (+34,9%). Em nenhum mês da série histórica iniciada em janeiro de 1997, as exportações do setor haviam ultrapassado o valor de US$ 2,0 bilhões em um único mês. A cifra foi obtida em função da expansão dos preços médios de exportação (+24,0%) e, também, do volume exportado (+8,8%). Somente em carne bovina, as vendas externas atingiram US$ 1,01 bilhão, com expansão de 30,0% em relação aos US$ 776,35 milhões exportados em julho de 2020. O incremento do valor exportado se deveu, exclusivamente, à elevação do preço médio de exportação, que subiu 31,9%, uma vez que o volume exportado decresceu 1,5%, atingindo 191 mil toneladas. A carne bovina *in natura* respondeu por 87,0% deste valor e a China foi responsável por 58,2% do total importado neste produto. Como observado no princípio, grandes produtores internacionais como o Brasil observam redução do abate em virtude da forte seca que afeta o país. A demanda aquecida (China) e a menor oferta pressionam, assim, os preços internacionais para o alto.

As vendas externas de carne de frango *in natura* apresentaram crescimento de 48,4% na comparação entre julho de 2020 e julho de 2021, chegando a US$ 698,21 milhões, valor recorde para todos os meses da série histórica. No caso da carne de frango *in natura*, os preços subiram 28,6% no período em análise, mas também houve expansão do *quantum* exportado, que subiu 15,5%. Três mercados ajudam a explicar a elevação das exportações da carne de frango em julho: Emirados Árabes Unidos (+14,6 mil toneladas), México (+14,1 mil toneladas) e Filipinas (+12,3 mil toneladas). A desvalorização do real em relação ao dólar manteve o produto brasileiro competitivo mesmo com a elevação do preço do milho. O cereal, base da alimentação na criação de aves, apresentou arrefecimento de preços em relação a junho de 2021 (-3,0%), mas segue com forte alta de 29,6% em relação a julho de 2020[[8]](#footnote-8). Filipinas e México apresentaram problemas em relação aos custos para produção interna de carne de frango. No caso das Filipinas, a produção recuou 11% em 2020/21, também como resultado da quarentena adotada para combate à COVID-19[[9]](#footnote-9). Além disso, o país sofre com graves problemas relacionados à peste suína africana (PSA), que dizimou o rebanho local em cerca de 26%[[10]](#footnote-10), e tem estimulado as importações de carnes nas Filipinas. No México, em virtude de forte inflação – o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) para carne de frango apresentou média de aumentos mensais de 22,65% em 2021 – a Secretaria de Economia do país publicou Decreto em 23 de junho de 2021 estabelecendo cota de 30 mil toneladas para importação de carne de frango sem a incidência de tarifas[[11]](#footnote-11). Por outro lado, os Emirados Árabes Unidos elevam a demanda por carne de frango na sequência à reabertura das atividades turísticas após o controle da pandemia.

Outro recorde ocorreu com as vendas externas de carne suína *in natura*. Foram US$ 232 milhões (+21,0%) exportados, e, em quantidade, 93 mil toneladas (+2,9%). O preço médio de exportação é a principal razão deste crescimento (+17,7%). A forte demanda chinesa, responsável por 54,7% do valor exportado, juntamente com os custos para preparação de ração, justificam a alta dos preços e dos valores exportados. A China procura estimular a formação de estoques de carne suína como garantia à segurança alimentar interna. No início de junho, o Ministério da Agricultura da China informou que os rebanhos suínos cresceram 23,5% em maio com relação ao ano anterior, atingindo 98,4% dos estoques de 2017. O surto de peste suína africana (PSA) devastou a população de suínos da China, 40% da qual morreu ou foi sacrificada em 2019. O país produz metade da carne suína do mundo, porém, à medida que mais oferta está disponível, os preços domésticos do porco na China caem vertiginosamente, em parte porque a recuperação da carne suína veio antes do previsto, e porque aguarda-se uma recuperação total até 2023[[12]](#footnote-12). Mesmo assim, em função da demanda interna na China, espera-se que a demanda por carne suína importada deva permanecer robusta[[13]](#footnote-13).

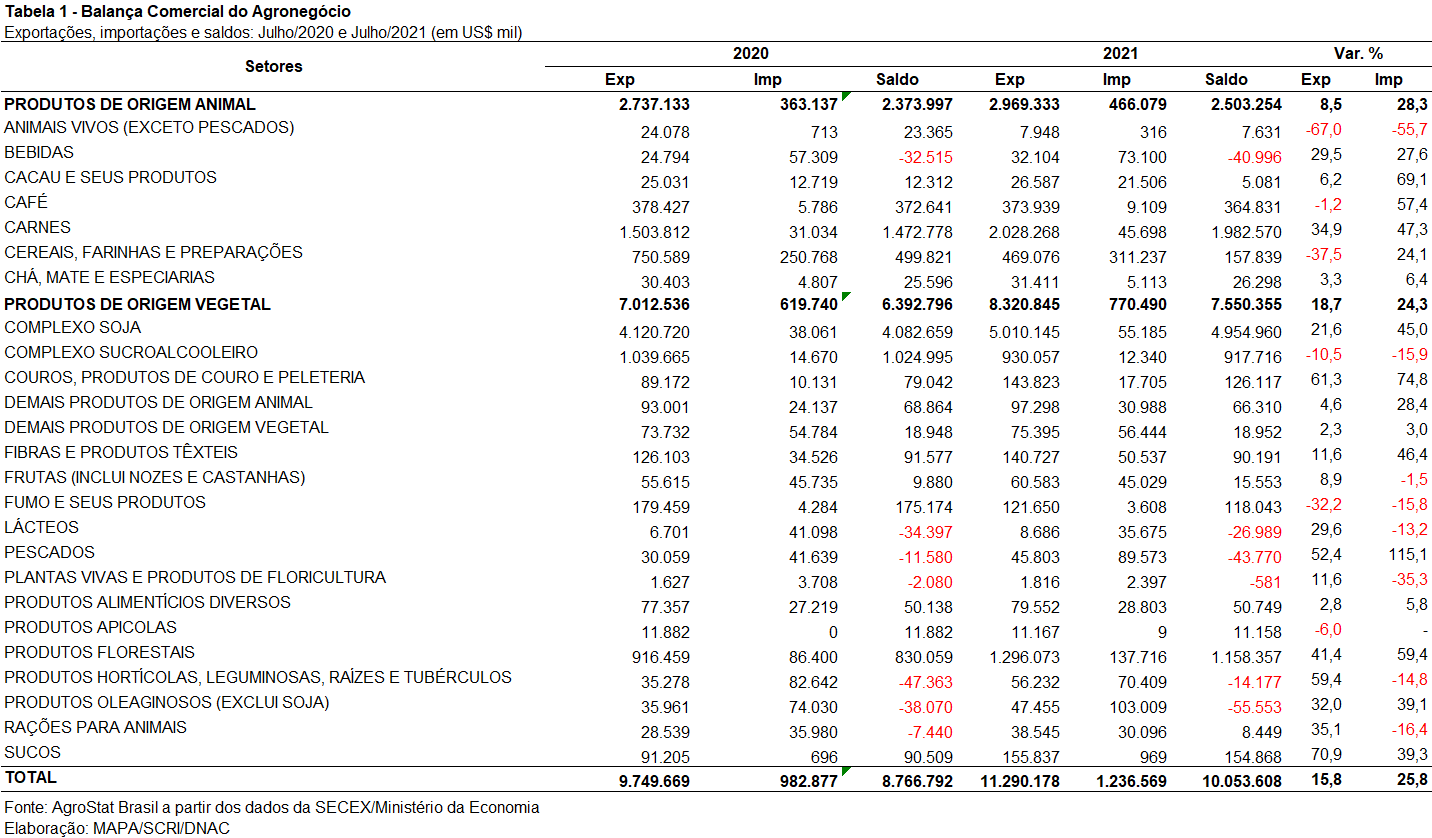
Outro setor que teve exportações acima de US$ 1,0 bilhão em julho foi o de produtos florestais. As exportações do setor chegaram a US$ 1,30 bilhão em julho de 2021 (+41,4%). As vendas externas de celulose atingiram US$ 595,19 milhões (+26,6%), devido à recuperação dos preços internacionais, que chegaram a US$ 420,87 por tonelada (+29,6%), na esteira da recuperação econômica e crescimento do comércio internacional. Ainda no setor, as exportações de madeiras e suas obras foram de US$ 540,31 milhões (+71,0%) e as de papel de US$ 159,83 milhões (+22,6%).

As vendas externas do complexo sucroalcooleiro foram de US$ 930,06 milhões (-10,5%). O açúcar é o principal produto exportado do setor, com US$ 811,67 milhões (-10,9%). A quantidade exportada de açúcar diminuiu de 3,3 milhões de toneladas em julho de 2020 para 2,5 milhões de toneladas em julho de 2021 (-25,0%)[[14]](#footnote-14), mesmo com alta dos preços médios exportados em 18,9%. Com a retomada da economia mundial espera-se elevação recorde do consumo internacional do açúcar. Há aumento da produção na União Europeia, Índia e Tailândia capazes de compensar a queda de produção no Brasil, afetada desfavoravelmente pela seca e pelas geadas no sudeste do país, que reduziram a produção, produtividade e qualidade da cana-de-açúcar. Ademais, a concorrência com outros cultivos, como a soja e o milho, tende a reduzir a área de produção de cana-de-açúcar na safra 2021/2022 (-2,2%). Dessa forma, a CONAB prevê uma produção de açúcar 5,7% inferior à obtida na safra 2020/2021, passando de 41,3 milhões de toneladas na safra 2020/2021 para 38,9 milhões de toneladas na safra 2021/2022[[15]](#footnote-15). Com uma produção menor, a projeção é de queda nas exportações. As exportações de álcool também diminuíram (-9,0%), chegando a US$ 117,0 milhões em julho de 2021.

Na quinta posição entre os principais setores exportadores do agronegócio está o setor de cereais, farinhas e preparações. As vendas externas do setor tiveram redução de 37,5%, passando de US$ 750,59 milhões em julho de 2020 para US$ 469,08 milhões em julho de 2021. O milho é o principal cereal exportado pelo setor, com vendas externas de US$ 400,25 milhões (-36,4%). Esta queda nas vendas externas de milho ocorreu em função, principalmente, da redução da produção doméstica do produto. No início do acompanhamento da safra 2020/2021, a projeção era de que o Brasil produziria uma safra superior a 100 milhões de toneladas. No entanto, o 11º Levantamento de Safra da CONAB, divulgado em 10 de agosto de 2021, informa que a safra brasileira de milho será de 86,6 milhões de toneladas, ou uma redução absoluta de quase 16 milhões de toneladas em relação à safra 2019/2020. O atraso inicial na plantação da soja, em função da seca, e o adiamento da colheita de soja em função das chuvas, empurraram a produção do milho de segunda safra para o inverno. Geadas recentes em regiões produtoras e a própria seca ao longo do período de produção do milho safrinha, explicam a quebra da safra projetada. Em função da demanda e preços internos elevados, as exportações brasileiras de milho encontram-se desestimuladas e as importações devem permanecer altas ao longo deste ano.

Fez-se, acima, a análise dos cinco principais setores exportadores do agronegócio brasileiro. Setores responsáveis por 86,2% das exportações do setor. É importante analisar também essas exportações independente sob a ótica dos principais produtos exportados pelo agronegócio brasileiro. Os dez principais produtos exportados pelo agronegócio foram: soja em grãos (US$ 3,99 bilhões; +15,3%); carne bovina *in natura* (US$ 902,60 milhões; +30,6%); farelo de soja (US$ 872,53 milhões; +53,1%); açúcar de cana em bruto (US$ 718,47 milhões; -2,7%); carne de frango *in natura* (US$ 698,21 milhões; +48,4%); celulose (US$ 595,19 milhões; +26,6%); milho (US$ 400,25 milhões; -36,4%); café verde (US$ 334,45 milhões; +3,4%); carne suína *in natura* (US$ 231,89 milhões; +21,0%); e madeira compensada ou contraplacada (US$ 172,21 milhões; +212,9%). Esses dez produtos responderam por 79,0% do valor exportado pelo Brasil em produtos do agronegócio no mês de julho de 2021. No mesmo mês de julho de 2020, os mesmos produtos respondiam por 77,9% do valor exportado. Houve, assim, um aumento de 1,1 ponto percentual na participação desses produtos nas exportações do agronegócio brasileiro na comparação entre os períodos, indicando uma concentração da pauta.

As importações brasileiras do agronegócio foram de US$ 1,24 bilhão em julho de 2021, o que representou uma elevação de 25,8% em relação aos US$ 982,88 milhões importados em julho de 2020. Os dez principais produtos importados foram: trigo (US$ 146,52 milhões; +28,4%); papel (US$ 70,35 milhões; +55,9%); salmões, frescos ou refrigerados (US$ 58,96 milhões; +118,3%); malte (US$ 56,34 milhões; -27,5%); soja em grãos (US$ 54,99 milhões; +45,7%); vinho (US$ 42,64 milhões; +6,0%); óleo de palma (US$ 42,22 milhões; +95,3%); borracha natural (US$ 38,54 milhões; +123,7%); milho (US$ 37,25 milhões; +514,9%); e vestuário e outros produtos têxteis de algodão (US$ 36,36 milhões; +32,8%).



**I.b – Blocos Econômicos e Regiões Geográficas**

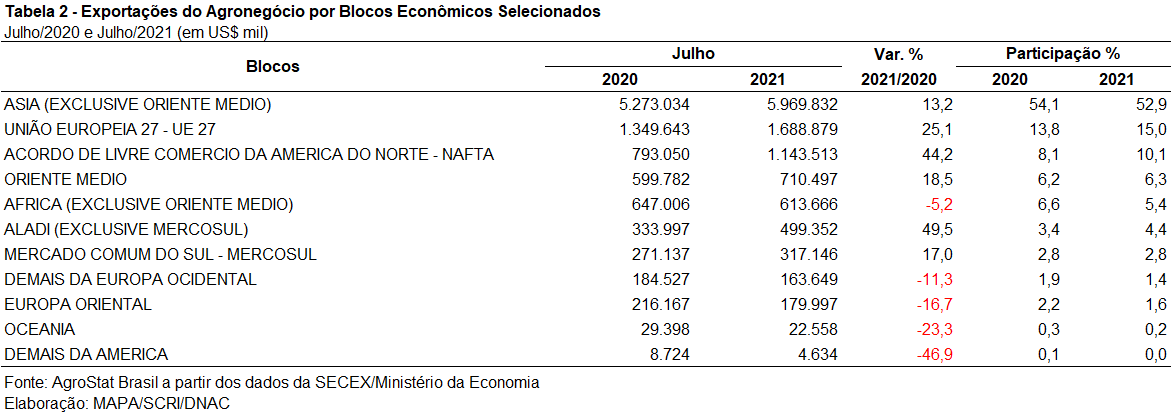
A Ásia é o principal continente importador de produtos do agronegócio brasileiro. O continente importa mais da metade do valor exportado pelo Brasil em produtos do agronegócio (52,9%). Em julho de 2021, as importações do continente asiático foram de US$ 5,97 bilhões, com incremento de 13,2%.

O Bloco da União Europeia é o segundo principal importador, com US$ 1,69 bilhões adquiridos em julho de 2021 (+25,1%). As vendas para a Ásia e para o bloco da União Europeia já representam 67,9% do valor total exportado pelo Brasil em produtos do agronegócio.

Dois outros blocos tiveram aumento de participação ade 1,0 ponto percentual para mais nas exportações brasileiras do agronegócio: NAFTA e ALADI.

Os países do NAFTA importaram US$ 1,14 bilhão em produtos do agronegócio brasileiro em julho de 2021. O que significou uma expansão de 44,2% em relação aos US$ 793,05 milhões adquiridos em julho de 2020. Com esse aumento, a participação do bloco subiu dois pontos percentuais, subindo de 8,1% em julho de 2020 para 10,1 em julho de 2021.

Os países da ALADI também tiveram um bom de desempenho. Adquiriram US$ 499,35 milhões em produtos do agronegócio brasileiro (+49,5%). A participação do bloco subiu um ponto percentual, atingindo 4,4% em julho de 2021.



**I.c – Países**

Os vinte principais mercados importadores de produtos do agronegócio brasileiro se encontram na Tabela 3. Esses mercados importar 77,6% do valor total exportado pelo Brasil em julho de 2021. No mesmo mês de julho de 2020, as importações desses mesmos vinte mercados foram de 74,3% do total exportado pelo Brasil em produtos do agronegócio. Houve elevação de 3,3 pontos percentuais na participação dos vinte principais mercados importadores, demonstrando um aumento da concentração nesses mercados.

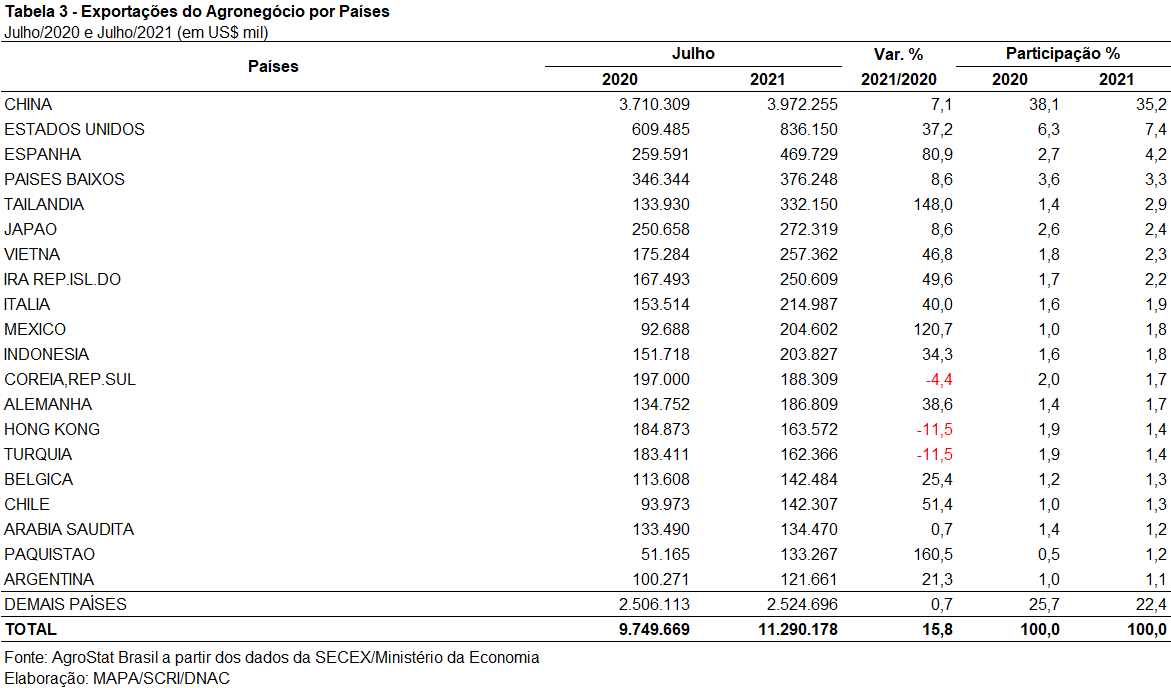
A China é o principal país importador do agronegócio brasileiro. O país asiático importou US$ 3,97 bilhões, o que representou 35,2% do valor total exportado pelo Brasil. Mesmo com a queda da quantidade de soja em grão exportada para a China, houve aumento de 7,1% nas exportações para o país, fruto principalmente da expansão das exportações de carne bovina *in natura* (US$ 525,51; +39,9%), açúcar de cana em bruto (US$ 174,59 milhões; +11,1%); carne de frango *in natura* (US$ 129,56 milhões; +19,5%), e carne suína *in natura* (US$ 126,79; +18,8%).

Houve crescimento das exportações para três mercados acima de 100%: Tailândia (148,0%); México (120,7%) e Paquistão (160,5%).

A Tailândia aumentou as aquisições de US$ 133,93 milhões em julho de 2020 para US$ 332,15 milhões em julho de 2021. O crescimento nas aquisições de 148,0% possibilitou um incremento no *market share* do país nas exportações brasileiras do agronegócio de 1,4% para 2,9% na comparação entre os períodos em análise. As exportações dos produtos do complexo soja levaram a esse crescimento: soja em grãos (US$ 200,82 milhões; +144,7%) e farelo de soja (US$ 115,37 milhões; +178,3%).

O México importou US$ 204,60 milhões em produtos do agronegócio brasileiro, o que significou um crescimento de 120,7% em relação aos US$ 92,69 milhões importados em 2020. Os principais produtos do agronegócio brasileiro exportados para o México foram: soja em grãos (US$ 103,08 milhões; +550,8%) e carne de frango *in natura* (US$ 29,75 milhões; +3.059,8%).

Outro país que apresentou elevação das aquisições acima de 100% foi o Paquistão. O país importou US$ 133,27 milhões em mercadorias do agronegócio, entrando na relação dos vinte principais países importadores. Isso ocorreu em função das aquisições de soja em grãos, que subiram de US$ 22,81 milhões em julho de 2020 para US$ 116,63 milhões em julho de 2021 (+411,4%).



**II – Resultados do Acumulado do Ano (comparativo Janeiro-Julho/2021 – Janeiro-Julho/2020)**

Entre janeiro e julho de 2021 as exportações do agronegócio somaram US$ 72,70 bilhões, maior valor da série histórica para o período, o que corresponde a um crescimento de 19,9% em relação aos US$ 60,65 bilhões exportados no mesmo período em 2020. Esse aumento se deu, sobretudo, em função do aumento dos preços dos produtos do setor (+17,9%), enquanto o índice de *quantum* subiu 1,7%.

O agronegócio representou 45,0% das exportações totais brasileiras no período, participação inferior aos 50,5% registrados no ano anterior. Os demais setores exportadores registraram crescimento de 49,6% na comparação dos setes primeiros meses de 2021 e 2020.

As importações do agronegócio alcançaram a cifra de US$ 8,74 bilhões em 2021, ou seja, 21,0% acima do ano prévio. Como resultado do aumento das exportações acima das importações, o saldo da balança comercial dos produtos do agronegócio foi de US$ 63,96 bilhões.

**II.a – Setores do Agronegócio**

Os setores que se destacaram nas exportações do agronegócio nos sete primeiros meses de 2021 foram: complexo soja (US$ 34,19 bilhões e 47,0% de participação); carnes (US$ 11,07 bilhões e 15,2% de participação); produtos florestais (US$ 7,70 bilhões e 10,6% de participação); complexo sucroalcooleiro (US$ 5,58 bilhões e 7,7% de participação) e café (US$ 3,36 bilhões e 4,6% de participação). Alguns desses setores figuram entre os que mais contribuíram para o crescimento das exportações, como é o caso do complexo soja (+US$ 6,71 bilhões); carnes (+US$ 1,29 bilhão); produtos florestais (+US$ 1,11 bilhão) e complexo sucroalcooleiro (+US$ 974,01 milhões). Em seguida cabe destacar o setor de fibras e produtos têxteis, que registrou aumento de US$ 618,42 milhões no período.

O complexo soja, principal setor exportador do agronegócio brasileiro em 2021, teve crescimento de 24,4% em valor, na comparação com o ano anterior, quando as vendas externas somaram US$ 27,48 bilhões. A soja em grãos foi responsável por 84,0% do que foi exportado pelo complexo, com a cifra recorde de US$ 28,72 bilhões (+22,6%). O aumento em valor reflete a elevação do preço médio do produto (US$ 341 para US$ 434 por tonelada; ou +27,3%), visto que a quantidade embarcada sofreu redução de 3,7%. A China foi o principal destino do grão brasileiro, com US$ 19,69 bilhões. Tal cifra representou 68,5% do total exportado dessa oleaginosa pelo Brasil ao mundo em 2021. As exportações de farelo de soja somaram o valor recorde de US$ 4,43 bilhões, isto é, 28,5% acima do que foi registrado em 2020. A União Europeia, principal destino do produto, adquiriu quase metade do que foi vendido pelo Brasil (45,1% ou US$ 2,00 bilhões). As exportações de óleo de soja, por sua vez, somaram US$ 1,03 bilhão, o que representou incremento de 70,1% em relação ao ano anterior.

O setor de carnes, com US$ 11,07 bilhões em vendas externas entre janeiro e julho de 2021, suplantou em 13,2% o valor alcançado no mesmo período em 2020. Houve expansão tanto da quantidade (5,9%), quanto dos preços dos produtos (+6,9%). A carne bovina foi o principal produto do setor, com *share* de 45,9%, enquanto a carne de frango representou 37,2%. As vendas de carne bovina *in natura* alcançaram o valor recorde de US$ 4,42 bilhões em 2021 (+6,7%) e a quantidade embarcada foi de 902,10 mil toneladas (-4,6%). O mercado chinês foi o destino de mais da metade das exportações brasileiras do produto (56,4%). As vendas de carne de frango *in natura* foram de US$ 3,96 bilhões (+15,0%) e a quantidade embarcada foi recorde 2,53 milhões de toneladas (+7,2%). Apesar da queda de 9,0% em valor, a China se manteve como principal importador dessa proteína proveniente do Brasil, somando US$ 718,63 milhões. O aumento nas vendas para o México (+US$ 101,72 milhões); Arábia Saudita (+US$ 84,74 milhões); Filipinas (+US$ 61,04 milhões) e África do Sul (+US$ 59,54 milhões) foi o que mais contribuiu para o resultado positivo nas vendas da carne de frango *in natura*. Por outro lado, a carne suína *in natura* registrou o maior valor exportado da série histórica para o período: US$ 1,50 bilhão e o *quantum* também foi recorde: 593,31 mil toneladas. Mais da metade das exportações brasileiras do produto tiveram o mercado chinês como destino (58,9%).

Em seguida destacaram-se os produtos florestais, cujas vendas externas foram de US$ 7,70 bilhões, ou seja, 16,8% superiores a 2020. A celulose foi responsável por 48,7% desse montante, somando US$ 3,75 bilhões e 9,49 milhões de toneladas. Na comparação com 2020 houve aumento de 3,8% em valor e queda de 0,8% na quantidade. As vendas externas de madeira e suas obras foram recordes em valor e *quantum*, somando, respectivamente, US$ 2,96 bilhões (+55,6%) e 6,15 milhões de toneladas (+35,4%). Os principais destinos das exportações brasileiras do produto foram: Estados Unidos (US$ 1,42 bilhão, ou 48,0% do total), União Europeia (US$ 366,21 milhões, ou 12,4% do total) e China (US$ 198,79 milhões, ou 6,7% do total).

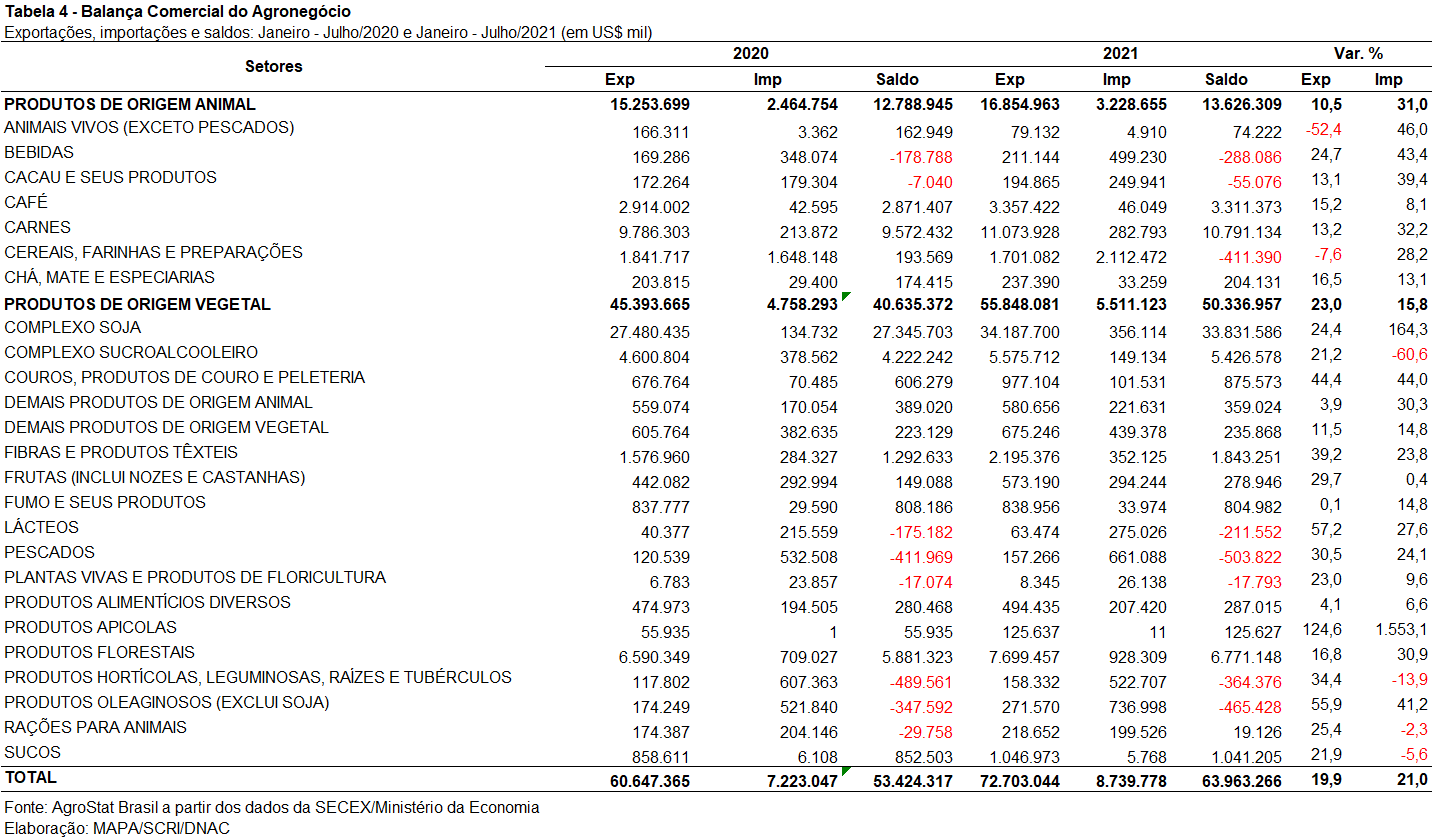
As exportações do complexo sucroalcooleiro ocuparam a quarta posição no rol de setores exportadores do agronegócio brasileiro. O açúcar, principal produto do setor representou 88,9% das vendas, somando US$ 4,96 bilhões. As vendas de açúcar de cana em bruto foram recordes em quantidade, com 13,32 mil toneladas. Os destinos do produto são menos concentrados, sendo a China o principal (15,4%), seguida da Argélia (11,1%), Bangladesh (8,2%), Nigéria (7,8%) e Arábia Saudita (6,5%). As exportações de álcool foram de US$ 608,95 milhões, entre janeiro e julho de 2021, o que representou um crescimento de 17,8% ante 2020.

Por fim, cabe ressaltar as vendas de café, que tiveram expansão de 15,2% na comparação entre 2020 e 2021. O café verde representou 91,0% das vendas do setor, com US$ 3,06 bilhões e somando a maior quantidade da série histórica no período janeiro a julho: 1,37 milhão de toneladas. Os principais destinos do grão foram: União Europeia (US$ 1,49 bilhão, ou 48,9% do total), Estados Unidos (US$ 592,16 milhões, ou 19,4% do total) e Japão (US$ 209,26 milhões, ou 6,8% do total).

Em conjunto, os cinco principais setores exportadores representaram 85,1% das vendas externas do agronegócio entre janeiro e julho de 2021. No mesmo período em 2020 a participação das exportações dos cinco principais setores foi de 84,7%, indicando que houve aumento da concentração da pauta exportadora brasileira em 2021.

Ainda que não estejam entre os principais setores exportadores, cabe destacar as exportações de algodão não cardado e não penteado, que alcançaram recordes em valor (US$ 1,95 bilhão) e quantidade (1,19 milhões de toneladas).

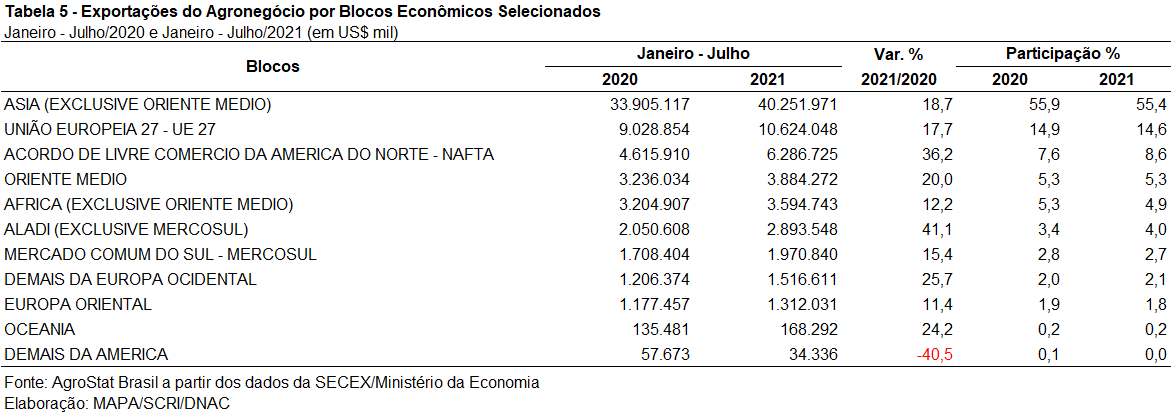
Em relação às importações do agronegócio, os produtos que se destacaram foram: trigo (US$ 1,00 bilhão; +17,7%); papel (US$ 504,09 milhões; +25,9%); malte (US$ 399,41 milhões; +45,9%); salmões frescos ou refrigerados (US$ 326,49 milhões; +60,9%); óleo de dendê ou de palma (US$ 324,74 milhões; +110,3%); soja em grãos (US$ 279,69 milhões; +134,7%); vinho (US$ 270,15 milhões; +38,4%) e azeite de oliva (US$ 245,08 milhões; +4,3%). Além desses cabe destacar o milho, cujas importações aumentaram US$ 138,42 milhões (+184,4%) no período.



**II.b – Blocos Econômicos e Regiões Geográficas**

A Ásia foi o principal destino das exportações brasileiras do agronegócio entre os blocos econômicos e regiões geográficas no período janeiro a julho de 2021. Foram exportados US$ 40,25 bilhões, o que significou crescimento de 18,7% em relação aos valores registrados entre janeiro e julho de 2020. Ainda na comparação com o ano prévio, verifica-se ligeira queda de 0,5 ponto percentual na participação da região, que foi de 55,4% em 2021. Os produtos que mais contribuíram para o aumento das vendas brasileiras ao mercado asiático foram: soja em grãos (+US$ 3,76 bilhões); farelo de soja (+US$ 643,15 milhões); algodão não cardado nem penteado (+US$ 438,29 milhões) e carne bovina *in natura* (+US$ 323,60 milhões).

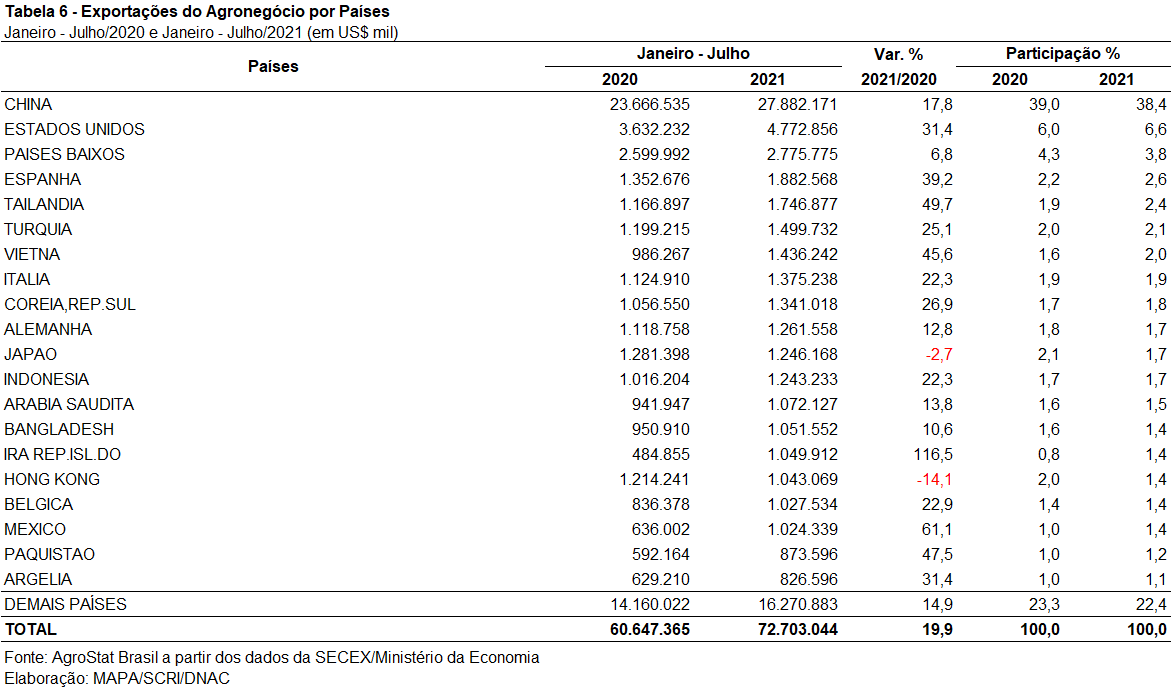
As exportações brasileiras para a União Europeia somaram US$ 10,62 bilhões em 2021, ou seja, um incremento de 17,7% em relação a 2020. O aumento nas exportações de soja em grãos, farelo de soja, café verde, celulose e suco de laranja foi o principal fator para essa expansão. Em conjunto, os cinco produtos registraram US$ 1,24 bilhão a mais em 2021 na comparação com 2020.



**II.c – Países**

A China permanece como principal país de destino das exportações brasileiras do agronegócio em 2021, com US$ 27,88 bilhões. Na comparação com 2020 houve aumento de 17,8%, em função, principalmente, do aumento nas vendas de soja em grãos. Dos US$ 4,22 bilhões exportados a mais pelo Brasil à China em 2021, a soja em grãos representou 64,9% (+US$ 2,74 bilhões). Contudo, apesar do crescimento das vendas brasileiras em valor, o *share* do mercado chinês caiu de 39,0% para 38,4% no período.

Além da China, outros países que mais contribuíram para o aumento das exportações brasileiras do agronegócio em 2021 foram: Estados Unidos (+US$ 1,14 bilhão); Tailândia (+US$ 579,98 milhões) e Irã (+US$ 565,06 milhões).



**III – Resultados de Agosto de 2020 a Julho de 2021 (Acumulado 12 meses)**

Nos últimos doze meses, entre agosto de 2020 e julho de 2021, as exportações do agronegócio brasileiro alcançaram o montante de US$ 112,76 bilhões, o que representou expansão de 11,2% em comparação aos US$ 101,45 bilhões exportados nos doze meses imediatamente anteriores. Neste último período, as vendas do agronegócio brasileiro representaram 45,0% das exportações totais brasileiras, uma redução de 2,4 pontos percentuais em relação a agosto de 2019 e julho de 2020. Pelo lado das importações, entre agosto de 2020 e julho de 2021, registrou-se um total de US$ 14,57 bilhões, ante US$ 12,87 bilhões adquiridos nos doze meses anteriores, o que significou expansão de 13,2% no período. Como resultado, a balança comercial do agronegócio no acumulado dos últimos doze meses apresentou superávit de US$ 98,19 bilhões (+10,9%).

**III.a – Setores do Agronegócio**

Os cinco principais setores do agronegócio brasileiro em valor exportado entre agosto de 2020 e julho de 2021 foram: complexo soja, com vendas externas de US$ 41,94 bilhões e participação de 37,2%; as carnes, com US$ 18,45 bilhões e 16,4%; produtos florestais, com US$ 12,52 bilhões e 11,1%; complexo sucroalcooleiro, com exportações totais de US$ 10,93 bilhões e participação de 9,7%; e cereais, farinhas e preparações, com US$ 6,69 bilhões e 5,9%.

Em conjunto, os cinco setores foram responsáveis por 80,3% de todas as exportações do agronegócio brasileiro nos últimos doze meses. Os cinco principais setores do período anterior apresentaram participação de 80,4%, praticamente mantendo-se estável. O crescimento da participação relativa do complexo sucroalcooleiro no total exportado quase compensou por completo a perda de participação do complexo soja, das carnes e dos cereais.

Como já mencionado, o complexo soja foi o principal setor do agronegócio brasileiro, em valor exportado, entre agosto de 2020 e julho de 2021, com vendas externas de US$ 41,94 bilhões e 98,42 milhões de toneladas comercializadas, o que significou incremento de 9,5% e retração de 10,6%, respectivamente. O principal produto exportado pelo segmento foi a soja em grãos, com a soma de US$ 33,86 bilhões e aumento de 7,0% em comparação aos US$ 31,65 bilhões negociados nos doze meses imediatamente anteriores. Em quantidade, houve redução de 12,2%, com 80,43 milhões de toneladas embarcadas. Já o preço médio do produto brasileiro vendido no mercado internacional subiu 21,9% no período, chegando a US$ 421 por tonelada. As vendas externas de farelo de soja totalizaram US$ 6,89 bilhões, com alta de 18,1% em função da elevação do preço médio no período (+20,1%), uma vez que a quantidade comercializada decresceu 1,7% nos últimos doze meses. Já as exportações de óleo de soja atingiram a soma de US$ 1,19 bilhão (+44,0%), para um total de 1,10 milhão de toneladas comercializadas (-9,0%).

O setor de carnes foi o segundo colocado entre os maiores exportadores do agronegócio brasileiro nos últimos doze meses, com a cifra de US$ 18,45 bilhões e participação de 16,4% de todas as exportações agropecuárias brasileiras no período. O crescimento observado foi resultado tanto do incremento da quantidade comercializada (+4,9%), quanto da elevação da cotação dos produtos do setor (+0,5%).

O principal destaque foi a carne bovina, cujas vendas externas totalizaram US$ 8,88 bilhões (+3,8%). O volume negociado da mercadoria permaneceu no mesmo patamar, atingindo 1,98 milhão de toneladas (+0,1%), e o preço médio aumentou 3,7%, alcançando US$ 4.494 por tonelada. Os principais mercados compradores da carne bovina in natura brasileira no período foram a China, com US$ 4,34 bilhões (+7,7%), seguida por Hong Kong, com US$ 710,95 milhões (-7,3%), tendo representado, em conjunto, mais de 65% das exportações do produto. Em seguida destacaram-se as vendas de carne de frango, com o montante de US$ 6,53 bilhões (+0,9%) para um total de 4,30 milhões de toneladas (+3,3%) e recuo do preço médio no período de 2,3%. Já as exportações de carne suína totalizaram US$ 2,57 bilhões entre agosto de 2020 e julho de 2021. O crescimento de 27,1% no valor exportado foi resultado da expansão de 21,0% no volume negociado e da elevação de 5,1% na cotação média do produto brasileiro negociado no mercado internacional. O principal destino da carne suína in natura do Brasil nos últimos doze meses foi a China, com aquisições de US$ 1,43 bilhão (+38,6%) e crescimento absoluto de US$ 399,19 milhões em relação aos doze meses anteriores, apresentando participação de aproximadamente 60% de todas as vendas externas do produto.

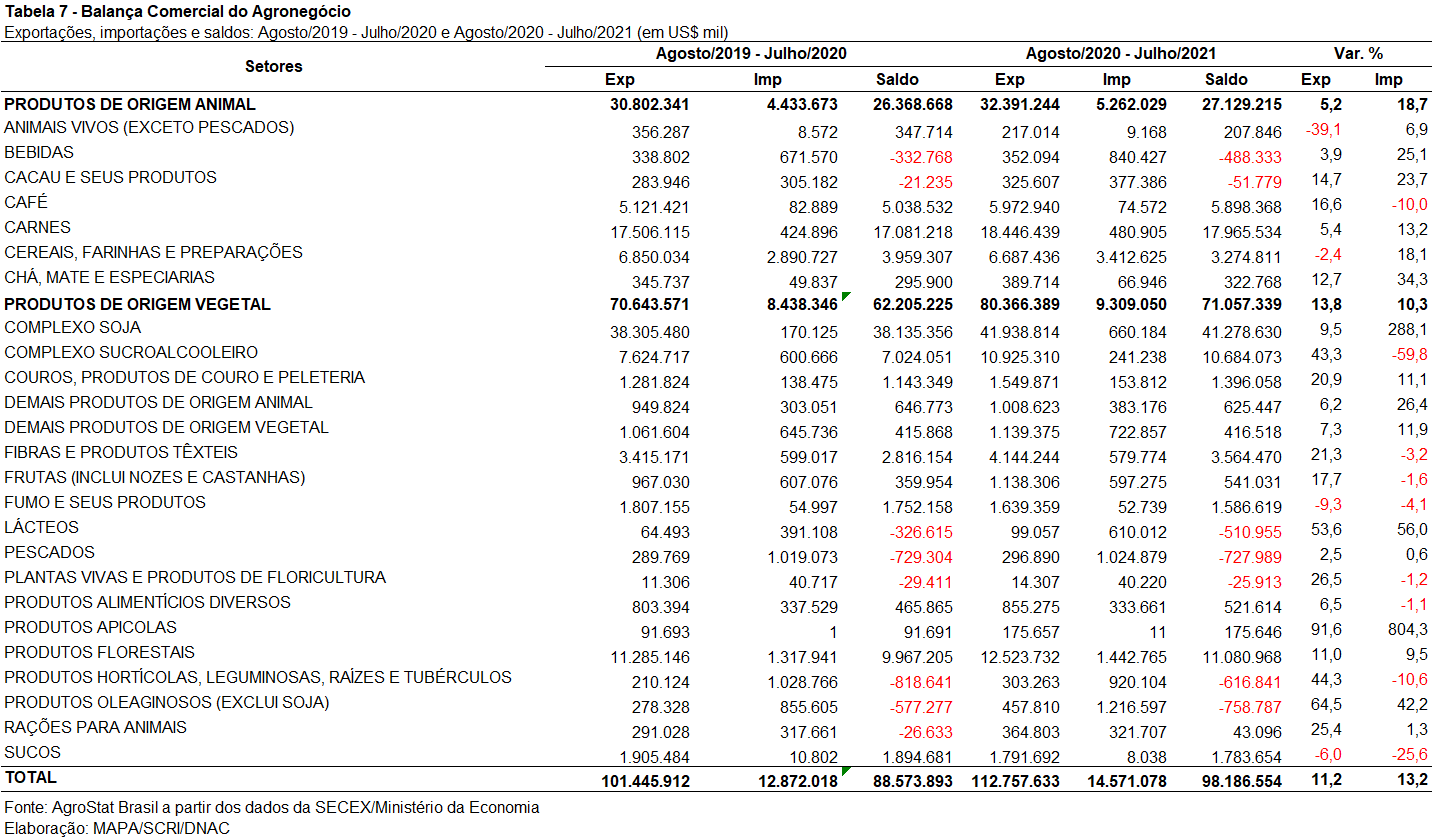
O terceiro principal setor do agronegócio nos últimos doze meses, em valor de exportação, foi o de produtos florestais, com a cifra de US$ 12,52 bilhões e crescimento de 11,0% em relação aos valores registrados entre agosto de 2019 e julho de 2020 (US$ 11,29 bilhões), resultado da expansão de 11,5% no quantum comercializado. O principal produto exportado pelo segmento foi a celulose, com US$ 6,13 bilhões (+0,4%) para um volume comercializado de 16,14 milhões de toneladas (+2,6%) a um preço médio de US$ 380 por toneladas (-2,2%). As vendas externas de madeiras e suas obras somaram US$ 4,74 bilhões no período (+43,5%), com elevação da quantidade negociada (+35,0%) e da cotação média no período (+6,3%). Por fim, as exportações de papel alcançaram o valor de US$ 1,66 bilhão (-11,8%), para um total de 1,99 milhão de toneladas vendidas (-7,7%).

Na quarta posição, o setor sucroalcooleiro auferiu receita de exportação de US$ 10,93 bilhões (+43,3%), resultado da expansão de 36,4% na quantidade negociada dos produtos do setor e da alta de 5,1% no preço médio. O açúcar foi o principal produto comercializado no período, com vendas de US$ 9,63 bilhões e crescimento de 47,1% em relação aos valores de agosto de 2019 e julho de 2020 (US$ 6,54 bilhões). A quantidade negociada subiu 37,2% no período, atingindo 31,50 milhões de toneladas, e o preço do produto apresentou incremento de 7,2%. Já as exportações de álcool totalizaram US$ 1,28 bilhão, com expansão de 20,4% em virtude do aumento de 26,3% no volume comercializado (2,22 milhões de toneladas).

Completando os cinco principais setores do agronegócio entre agosto de 2020 e julho de 2021, os cereais, farinhas e preparações registraram exportações de US$ 6,89 bilhões. Quase 86% dessa receita foi alcançada por meio das exportações de milho, que totalizaram US$ 5,73 bilhões nos últimos doze meses. A alta do preço médio do grão (+4,9%) não foi suficiente para compensar a retração do volume comercializado (-7,0%), registrando-se queda de 2,4% no valor exportado no período.

Dentre os recordes verificados no acumulado dos últimos doze meses, podem ser destacados: carne bovina in natura, recorde de valor (US$ 7,73 bilhões) e quantidade (1,73 milhão de toneladas); carne suína in natura, recorde de valor (US$ 2,42 bilhões) e quantidade (982,91 mil toneladas); e madeira compensada ou contraplacada, recorde de valor (US$ 1,12 bilhão) e recorde de quantidade (1,77 milhão de toneladas).

No que tange às importações do agronegócio entre agosto de 2020 e julho de 2021, totalizaram US$ 14,57 bilhões e cresceram 13,2% em comparação aos doze meses imediatamente precedentes. Os produtos que se destacaram foram: trigo (US$ 1,49 bilhão e +3,8%); papel (US$ 796 milhões e +7,1%); malte (US$ 661 milhões e +34,1%); óleo de dendê ou de palma (US$ 503 milhões e +113,6%); salmões frescos ou refrigerados (US$ 489 milhões e +17,6%); arroz (US$ 455 milhões e +97,2%); azeite de oliva (US$ 433 milhões e +7,8%); e leite em pó (US$ 383 milhões e +88,9%).

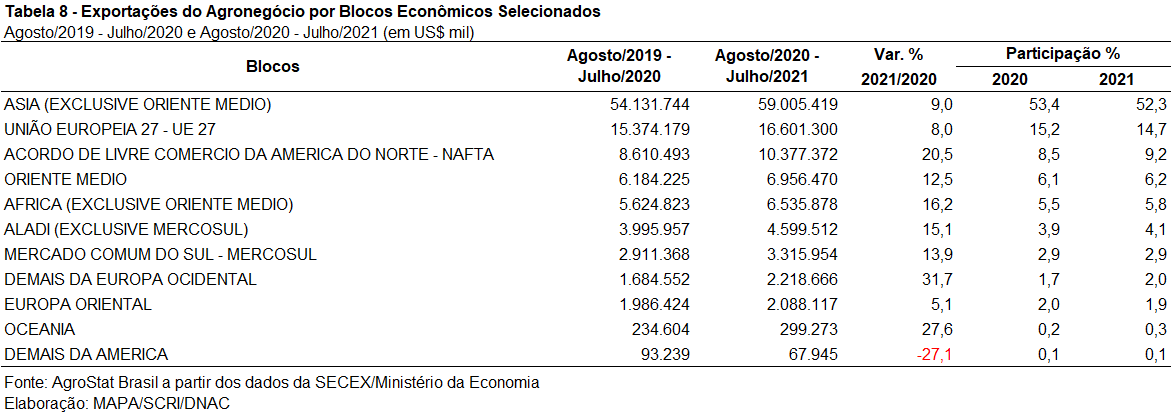


**III.b – Blocos Econômicos e Regiões Geográficas**

No que se refere às exportações do agronegócio por blocos econômicos e regiões geográficas, a Ásia permanece como principal destino brasileiro, com a soma de US$ 59,01 bilhões e crescimento de 9,0% em comparação aos valores registrados entre agosto de 2019 e julho de 2020 (US$ 54,13 bilhões). Os principais produtos da pauta exportadora agropecuária brasileira para o continente asiático nos últimos doze meses foram: soja em grãos (US$ 27,17 bilhões, +2,7%); carne bovina in natura (US$ 5,43 bilhões, +7,3%); açúcar de cana em bruto (US$ 3,60 bilhões, +93,6%); algodão não cardado nem penteado (US$ 3,27 bilhões, +20,3%); celulose (US$ 3,27 bilhões, -0,1%); e farelo de soja (US$ 3,20 bilhões, +35,0%). Com tal desempenho, a participação do continente asiático nas exportações do agronegócio brasileiro caiu de 53,4% para 52,3% nos últimos doze meses, tendo em vista que o crescimento das exportações para o continente asiático foi inferior ao crescimento médio registrado no período (+11,2%).

O segundo principal parceiro da agropecuária nacional foi a União Europeia, com vendas externas de US$ 16,60 bilhões e expansão de 8,0% em relação ao período compreendido entre agosto de 2019 e julho de 2020 (US$ 15,37 bilhões). Com o aumento dos valores adquiridos em produtos agropecuários abaixo da média do período, a participação do bloco europeu nas exportações brasileiras caiu, de 15,2% para 14,7%. Os principais produtos da pauta brasileira para o mercado europeu no período foram: soja em grãos (US$ 3,19 bilhões, +21,1%), farelo de soja (US$ 3,17 bilhões, +1,3%), café verde (US$ 2,68 bilhões, +17,1%), celulose (US$ 1,38 bilhão, +0,2%) e suco de laranja (US$ 1,04 bilhão, -8,7%).

Os outros destaques no acumulado dos últimos doze meses, conforme observado na Tabela 8, foram os demais países da Europa ocidental, com aumento de 31,7% nas vendas agropecuárias brasileiras (US$ 2,22 bilhões), a Oceania, com US$ 299,27 milhões (+27,6%), o NAFTA, com exportações de US$ 10,38 bilhões e incremento de 20,5%, os países da África, com crescimento de 16,2% (US$ 6,53 bilhões) e os países da ALADI, com elevação de 15,1% (US$ 4,60 bilhões).



**III.c – Países**

No que tange às exportações do agronegócio brasileiro por países de destino nos últimos doze meses, a China permanece como destaque, adquirindo pouco mais de um terço de tudo que foi exportado pelo setor. Com vendas externas de US$ 38,23 bilhões e incremento de 6,0% sobre os valores dos doze meses imediatamente anteriores (US$ 36,06 bilhões), a participação chinesa decresceu de 35,5% para 33,9%.

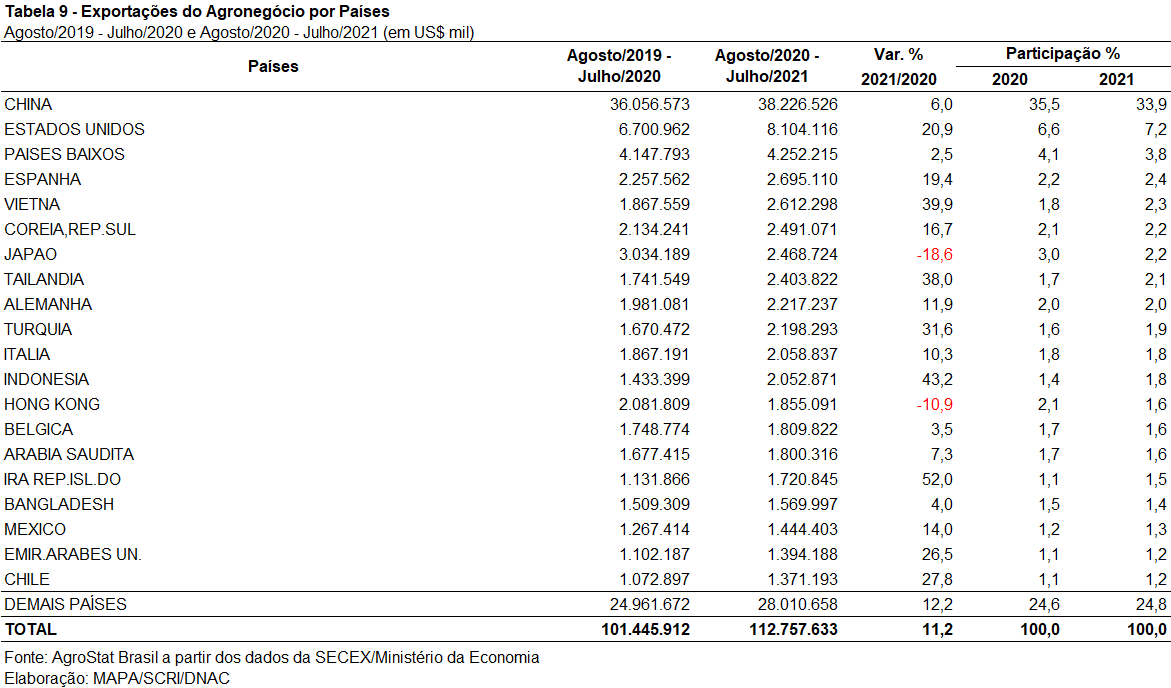
O principal produto agropecuário brasileiro exportado para o mercado chinês entre agosto de 2020 e julho de 2021 foi a soja em grãos, com o montante de US$ 23,64 bilhões, representando 62% das vendas do agronegócio brasileiro para esse mercado. Em volume, foram 56,53 milhões de toneladas exportadas para a China, o que significou queda de 18,4% em relação ao período anterior e participação de 70% do total das exportações brasileiras do grão para o mundo.

O segundo principal destino dos produtos do agronegócio brasileiro nos últimos doze meses foram os Estados Unidos, com a soma de US$ 8,10 bilhões e crescimento de 20,9%, o que acarretou ganho de participação de 6,6% para 7,2%. Os produtos que mais impactaram na elevação das exportações para o mercado norte-americano foram: madeira compensada ou contraplacada (+US$ 448,75 milhões), carne bovina in natura (+US$ 158,65 milhões), café verde (+US$ 135,86 milhões), carne bovina industrializada (+US$ 129,18 milhões) e obras de marcenaria ou carpintaria (+US$ 122,31 milhões).

Os Países Baixos ficaram na terceira posição em valor exportado, com US$ 4,25 bilhões e alta de 2,5%, o que gerou perda de market share de 4,1% para 3,8%. Os principais produtos exportados para o parceiro europeu foram: soja em grãos (US$ 996,37 milhões, -12,7%), farelo de soja (US$ 761,96 milhões, -6,0%), celulose (US$ 496,45 milhões, +14,6%) e suco de laranja (US$ 420,67 milhões, -16,0%).

Na quarta colocação destacou-se a Espanha, com exportações de US$ 2,70 bilhões e expansão de 19,4% em relação a agosto de 2019 e julho de 2020, o que possibilitou ganho de participação relativa de 2,2% para 2,4%. O produto que mais contribuiu para a expansão do valor exportado no período foi a soja em grãos, com vendas de US$ 1,38 bilhão (+44,2%) e crescimento absoluto de US$ 422,29 milhões.

Outros destaques quanto ao dinamismo das exportações entre agosto de 2020 e julho de 2021 foram: Irã (US$ 1,72 bilhão e +52,0%); Indonésia (US$ 2,05 bilhões e +43,2%); Vietnã (US$ 2,61 bilhões e +39,9%); Tailândia (US$ 2,40 bilhões e +38,0%); e Turquia (US$ 2,20 bilhões e +31,6%).



**NOTA METODOLÓGICA**

A classificação de produtos do agronegócio utilizada nesta nota foi atualizada de acordo com a Resolução CAMEX Nº 125, de 15/12/2016, que alterou a Nomenclatura Comum do MERCOSUL – NCM para adaptá-la em relação às modificações do Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias (SH-2017), que estabelece um método internacional para a classificação de mercadorias.

A Balança Comercial do Agronegócio utiliza uma classificação dos produtos do agronegócio que reúne 3.001 NCM’s em 25 setores. Essa é a mesma classificação utilizada no Sistema de Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro, AGROSTAT BRASIL - base de dados *on line* que oferece uma visão detalhada e atualizada das exportações e importações brasileiras do agronegócio. Mais informações da metodologia e classificação podem ser consultadas no site: <http://agrostat.agricultura.gov.br>

MAPA/SCRI/DNAC/CGEA

13/08/2021

1. https://www.worldbank.org/en/research/commodity-markets [↑](#footnote-ref-1)
2. http://www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesindex/en/ [↑](#footnote-ref-2)
3. Devido às geadas e aos altos preços domésticos no Brasil, a colheita do milho tem se direcionado para comercialização interna no país. A demanda por milho tem forte estímulo baseado na elevação das exportações de carnes suína e de frango. O último relatório da CONAB, de 10/08/2021, observa redução de 2,6% na produção estimada de grãos em julho de 2021 em virtude da queda de produção do milho em 15,5% em relação a 19/20 e 7,2% em relação a última estimativa de julho. A CONAB prevê produção de 86,65 milhões de toneladas na safra 20/21. [↑](#footnote-ref-3)
4. <https://www.nass.usda.gov/Newsroom/Executive_Briefings/2021/07-23-2021.pdf>; https://www.beefmagazine.com/beef/usda-reports-show-reduced-cattle-numbers-now-and-later [↑](#footnote-ref-4)
5. Dentre esses demais produtos destacou-se o minério de ferro, que teve elevação das vendas externas de 104%, passando de uma participação de 11,5% nas exportações totais brasileiras em julho de 2020 para 17,9% em julho de 2021. [↑](#footnote-ref-5)
6. https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos [↑](#footnote-ref-6)
7. https://www.ers.usda.gov/webdocs/outlooks/101605/ocs-21g.pdf?v=7488.6 [↑](#footnote-ref-7)
8. http://www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesindex/en/ [↑](#footnote-ref-8)
9. https://apps.fas.usda.gov/newgainapi/api/Report/DownloadReportByFileName?fileName=Livestock%20and%20Poultry%20Update\_Manila\_Philippines\_06-18-2021.pdf [↑](#footnote-ref-9)
10. A peste suína africana continua a ser um desafio para o setor de suínos das Filipinas, especialmente na produção de províncias de Luzon, ao mesmo tempo que se espalha para áreas anteriormente livres de PSA como Visayas e Mindanao. O último relatório da Philippine Statistics Authority observa que a produção total de carne suína caiu 25,8 por cento de janeiro a março de 2021 em comparação com o mesmo período em 2020. Em 10 de maio de 2021, o Presidente Duterte assinou a Proclamação nº 1143, Série de 2021, declarando estado de calamidade devido à PSA, autorizando fundos adicionais e outros recursos para combater a doença, redução de déficit de oferta e de preços da carne suína no varejo. [↑](#footnote-ref-10)
11. https://avicultura.info/pt-br/mexico-cota-de-importacao-sem-tarifas/ [↑](#footnote-ref-11)
12. https://markets.businessinsider.com/commodities/news/commodities-hog-prices-today-china-african-swine-fever-pork-2021-06. [↑](#footnote-ref-12)
13. https://www.fas.usda.gov/data/china-pork-price-decline-impacts-production [↑](#footnote-ref-13)
14. Em maio de 2021, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos divulgou um relatório sobre o açúcar que menciona: *Global production is forecast up 6 million tons to 186 million as higher production in the EU, India, and Thailand will more than offset the decline in Brazil. Consumption is forecast to rise to a new record due to growth in markets such as China and India. Exports are forecast up as the increase from Thailand along with strong exports from India will more than offset lower exports from Brazil.* [↑](#footnote-ref-14)
15. Acompanhamento da Safra Brasileira de Cana-de-Açúcar, Safra 2021/22 (1º Levantamento – maio de 2021). [↑](#footnote-ref-15)